o




# A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA DO CAPITAL E OS CONTEÚDOS CENTRAIS DO ENSINO DE GEOGRAFIA

**Marcos Antônio Campos Couto**[1]
**Janeide Bispo dos Santos**[2]

**Palavras-chave**: Ensino de Geografia; Pedagogia histórico-crítica; Acumulação primitiva do capital.

## INTRODUÇÃO

O objetivo do trabalho é debater os conteúdos centrais do ensino de Geografia na educação básica e, assim, atualizar a resposta à questão permanente da prática docente: o que é necessário ensinar hoje para que estudantes se entendam na sociedade burguesa em que vivem, a partir da compreensão de seus arranjos espaciais? A resposta está diretamente relacionada às características centrais e contemporâneas da geografia do capitalismo mundializado.

Para o materialismo histórico-dialético, o objeto de investigação é a produção material dos indivíduos socialmente determinada na moderna produção burguesa; produção em determinado estágio de desenvolvimento social – da produção de indivíduos socais (Marx, 2011, p. 39, 41). Contudo, sociedade burguesa e modo de produção capitalista não são a mesma coisa. A moderna sociedade burguesa é onde domina o modo de produção capitalista – cujas características serão apresentadas adiante - , mas em "convívio" com outros modos de produção hegemonizados. Esta "combinação" de modos de produção sob domínio do modo de produção capitalista está na origem de outro conceito de totalidade: o de formação social, a forma histórica concreta em que a sociedade burguesa se realizada em cada parte do mundo, ou mais explicitamente, em cada estado-nação. Partindo destas categorias da totalidade, entende-se que o objeto de investigação da Geografia é, por um lado, o modo capitalista de produção do espaço da sociedade burguesa enquanto totalidade sociedade-natureza, e, por outro, o estudo da formação espacial, expressão geográfica da singularidade da formação social de cada estado-nação. Pelo primeiro aspecto do objeto, temos as características gerais e universais da geografia do modo de produção capitalista, pelo segundo, as características singulares de cada formação social.

Neste trabalho, o foco está nas características gerais e universais do modo de produção capitalista do espaço, tomando como referência os processos da chamada acumulação primitiva do capital (MARX, 2013), comentados por Massimo Quaini (1979), David Harvey (2005) e Ruy Moreira (2016). Entende-se a acumulação primitiva como algo estrutural-

1 Pós-doutor em educação, professor titular Depto. Geografia UERJ-FFP, diretor da AGB-Niterói.
2 Pós-doutora em Geografia, professora adjunta do curso de Geografia do Depto. de Educação do campus Serrinha da UNEB; professora de Geografia da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, diretora da AGB-Santa Inês.

estruturante da reprodução das relações sociais de produção do capitalismo (MOREIRA, 2016, p. 223), e não apenas como pertencente ao período de transição da sociedade feudal à sociedade burguesa na Europa ocidental. Ao substituir o termo “acumulação primitiva ou original” por acumulação via espoliação (HARVEY, 2005, p. 146) e ao considerar que “no âmbito da longa geografia histórica da acumulação do capital” constitui um processo em andamento (p. 121), atualiza as características dos processos da acumulação primitiva para a fase imperial do capitalismo nos séculos XX e XXI. No entanto, enquanto objeto de análise privilegiado deste trablho, o ponto de partida para pensar a Geografia do capitalismo, a partir do conceito acumulação primitiva, foi o livro ‘Geografia e Marxismo’ de Mássimo Quaini de 1974 (1979); a fundamentação materialista da história do território, com base na análise da seção [Formas que precederam a produção capitalista] do Grudrisse (MARX, 2011, p. 388-423), lido como introdução ao capítulo “A assim chamada acumulação primitiva” d’O Capital (MARX, 2013, p. 785).

## DISCUSSÕES E RESULTADOS

Marx (2013, p. 785), n’O Capital, faz a seguinte indagação:

> Vimos como o dinheiro é transformado em capital, como por meio do capital é produzido mais-valor e do mais-valor se obtém mais capital. Porém, a acumulação do capital pressupõe o mais-valor, o mais-valor, a produção capitalista, e esta, por sua vez, a existência de massas relativamente grandes de capital e de força de trabalho nas mãos de produtores de mercadorias. Todo esse movimento parece, portanto, girar num círculo vicioso, do qual só podemos escapar supondo uma acumulação “primitiva” (“previous accumulation”, em Adam Smith), prévia à acumulação capitalista, uma acumulação que não é resultado do modo de produção capitalista, mas seu ponto de partida. (MARX, 2013, p. 785)

Embora a acumulação primitiva não seja uma acumulação capitalista propriamente dita – como será caracterizada adiante -, esta pressupõe aquela. O que Marx denomina como a “Assim chamada acumulação primitiva”, discordando dela, é que essa acumulação primitiva resultaria de uma “elite laboriosa, inteligente e sobretuo parcimoniosa”, enquanto “uma súcia de vadios a dissipar tudo o que tinham e ainda mais” (MARX, 2013, p. 785). A origem dos ricos e capitalistas estaria no esforço pessoal, supostamente acessível a todos que fossem esforçados, inteligentes e econômicos. Assim, afirma Marx, “os primeiros acumularam riquezas e os últimos acabaram sem ter nada para vender, a não ser sua própria pele”. E conclui que “desse pecado original datam a pobreza da grande massa, que ainda hoje, apesar de todo seu trabalho, continua a não possuir nada para vender a não ser a si mesma, e a riqueza dos poucos, que cresce continuamente, embora há muito tenham deixado de trabalhar” (MARX, 2013, P. 785). Ao contrário, na história real, a origem da acumulação e, consequentemente, dos ricos e pobres, dos proprietários e privados de propriedade, dos burgueses e proletários, é a “conquista, a subjugação, o assassínio para roubar, em suma, a violência” - processos que justamente configuram a acumulação primitiva (MARX, 2013, p. 786).

Num primeiro momento, para que dinheiro e mercadoria sejam transformados em capital, é preciso:

> que duas espécies bem diferentes de possuidores demercadorias se defrontem e estabeleçam contato; de um lado, possuidores de dinheiro, meios de produção e meios de subsistência, que buscam valorizar a quantia de valor de que dispõem por meio da compra de força de trabalho alheia; de outro, trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho e, por conseguinte, vendedores de trabalho. Trabalhadores livres no duplo sentido de que nem integram diretamente os meios de produção, como os escravos, servos etc., nem lhes pertencem os meios de produção,

> como no caso, por exemplo, do camponês que trabalha por sua própria conta etc., mas estão, antes, livres e desvinculados desses meios de produção. (MARX, 2013, P. 786)

Ou seja, a transformação do produtor em livre proprietário somente de sua força de trabalho, porque "libertado" da propriedade das condições objetivas da realização do trabalho, é condição para o nascimento e reprodução da relação capitalista de produção. Aí, tanto a força de trabalho quanto as condições e meios de trabalho e de subsistência se transformam em mercadoria. Pressupondo a separação entre os trabalhadores e a propriedade das condições da realização do trabalho, se estabele uma relação social capitalista de prodção - entre proprietários e expropriados -, polarização do mercado em que estão dadas as condições fundamentais da produção capitalista; que confronta os proprietários privados das terras, indústrias, atividades comerciais e os meios de produção com os completamente privados de propriedade e de meios de subsistência, restando-lhe apenas a sua força de trabalho para vender aos capitalistas. A acumulação primitiva é, portanto, o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção, trabalhador e propriedade das condições de realização de seu trabalho, a dissolução da propriedade privada fundada no próprio trabalho; convertendo em capital os meios sociais de subsistência e de produção, e produtores diretos em trabalhadores assalariados. A longo do capítulo 24 d'O Capital, e tomando por base a Inglaterra, Marx descreve e analisa os processos da acumulação e a consequente origem das estruturas da nova sociedade burguesa: expropriação (roubo) violenta do povo do campo de sua base fundiária; legislação sanguinária contra os expropriados; gênese dos arrendatários capitalistas; repercussão da revolução agrícola sobre a indústria cria o mercado interno para o capital industrial; e a gênese do capitalista industrial.

Os momentos da acumulação primitiva repartidos, cronologicamente, entre Portugal, Espanha, Holanda, França e Inglaterra, podem ser resumidos em 4 sistemas: Colonial, da Dívida Pública, Tributário e Protecionista; todos baseados na mais brutal violência através do poder do Estado - a violência concentrada e organizada da sociedade. Pelo sistema colonial, os "tesouros espoliados fora da Europa diretamente mediante o saqueio, a escravização e o latrocínio refluíam à metrópole e lá se transformavam em capital" (MARX, 2013, p. 823). O sistema da dívida pública dota o dinheiro improdutivo (classe de rentistas, bancocracia) de força criadora e o transforma em capital, sem esforços e riscos da aplicação industrial e usurária. O sistema de dívidas do Estado deu origem ao sistema internacional de crédito que, por sua vez, foi complementado pelo sistema tributário como fonte de expropriação pela super tributação, instituindo o regime fiscal moderno, constituído pelos impostos sobre os meios de subsistência mais necessários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das mudanças das estruturas territoriais e da relação cidade-campo advindas desta transição das "sociedades naturais" à "sociedade histórica", acelerada pelos processos da acumulação primitiva, e da consequente consolidaçao do mode de produção capitalista, nova práxis espacial edifica as condições geográficas da sociedade burguesa, na qual Quaini (1979) ressalta suas implicações ecológico-territoriais.

A mundialização do capital pela conquista de toda a Terra como mercado mundial corresponde ao alargamento do espaço de circulação cada vez mais ampliado pela necessidade de mais trabalho objetivado da criação do mais-valor absoluto. A necessidade do capital da práxis de anulação do espaço por meio do tempo significa esta perspectiva de superação de todo obstáculo espacial à formação do mercado mundial, revolucionando os meios de transporte e de comunicação. Desta forma, a tendência de criar o mercado mundial

faz parte do próprio conceito do capital. Contudo, afirma Marx, esta “universalidade para o qual o capital tende irresistivelmente encontra barreiras em sua própria natureza, barreiras que, em um determinado nível de desenvolvimento, permitirão reconhecer o próprio capital como a maior barreira a essa tendência e, por isso, tenderão à sua superação por ele mesmo” (p. 334).

O uso intensivo e diversificado, pela exploração sistemática da diversidade natural de todo o planeta, da multiplicidade de suas propriedades e matérias-primas e, consequentemente, com a criação de novos valores de uso, resulta do desenvolvimento das forças produtivas sob o impulso da produção do mais-valor relativo; com a troca universal de produtos de todos os climas e países, desenvolvimento das ciências naturais, etc

Na práxis espacial no interior da organização geográfica do capitalismo não se separam as contradições da natureza-território das contradições da sociedade-força de trabalho. Quaini (1979) assinala as contradições que a penetração da produção capitalista desenvolve no campo e na relação cidade-campo, associando o “destino do operário industrial e urbano com o destino do operário rural e da própria terra (p. 131)”:

- ➔A perturbação da troca orgânica entre homem e terra é provocada pela revolução da grande indústria da cidade sobre o campo.
- ➔A concentração urbana da população conduz à falha metabólica do processo de trabalho que se desenvolve no interior do intercâmbio orgânico entre homem e natureza, pois impede “a volta à terra dos resíduos da produção e do consumo, que poderiam reconstituir [su]a fertilidade” (Quaini, 1979, p. 131).
- ➔Tais resíduos da produção e do consumo, despejados nos rios, transformados em valões urbanos, pioram as condições higiênicas das cidades, colocando em perigo a saúde da população urbana.
- ➔À intensa exploração do operário corresponde à redução da população agrícola pelo estabelecimento da grande propriedade privada fundiária e à intensa exploração do solo que, em cada progresso da agricultura capitalista, produz acréscimo, no primeiro momento, e em seguida ruína das fontes duráveis de sua fertilidade.
- ➔As contradições entre a rotação do capital e os períodos longos de rotação da terra da silvicultura, conduzem à destruição dos bosques para pastagem e à desorganização da economia florestal.
- ➔A crise e os problemas de moradia nos grandes centros urbanos se relacionam com esta antítese entre campo e cidade da moderna sociedade burguesa industrial.
- ➔Os problemas sociais e ecológicos da cidade capitalista: a poluição do ar, a falta de luminosidade das precárias habitações, o esgoto a céu aberto e a falta de água potável. Ar limpo, casa luminosa, esgoto tratado e água potável, raros para a maioria, se tornaram valores de troca.

Estreitamente ligadas com o processo de acumulação primitiva, todas as contradições ecológica-territoriais da práxis espacial resultam da construção geográfica da sociedade capitalista baseada no despovoamento crescente do campo e na explosiva concentração urbana da humanidade. A quebra da unidade natural do trabalho com seus pressupostos objetivos tem o mesmo sentido da quebra da unidade ambiental da natureza e sua fragmentação.

Em síntese, estas características geográficas e contradições ecológico-territoriais da sociedade burguesa, orientam a organização curricular da Geografia na educação básica. Propõe-se, então:

| Nível de ensino | Objetivos:<br>Colaborar para que estudantes: | Conteúdos centrais |
|---|---|---|
| EF 1 | Façam descrições do mundo que demonstre que diferentes sociedades (modos de produção) produzem distintas geografias, e conheçam a constituição geográfica do mundo moderno com foco nas escalas local, regional e nacional do Brasil. | Os arranjos espaciais dos diferentes modos de produção (do passado e do presente).<br>O despovoamento do campo e a concentração urbana da humanidade: os problemas ecológicos-territoriais da estrutura espacial da sociedade de classes capitalista.<br>A formação e o arranjo espacial da sociedade brasileira. |
| EF 2 | Façam descrições do mundo que permita, por um lado, que saibam que diferentes sociedades (modos de produção) e grupos produzem distintas geografias e, por outro, conheçam a constituição geográfica do mundo moderno - destacando a construção do Brasil - resultante da expansão da cultura ocidental por todos os continentes e culturas e o consequente conhecimento da dinâmica ambiental do planeta e da consolidação da sociedade capitalista. | Os arranjos espaciais dos diferentes modos de produção contemporâneos (que existem hoje).<br>O despovoamento do campo e a concentração urbana da humanidade: os problemas ecológicos-territoriais da estrutura espacial da sociedade de classes capitalista.<br>A formação do espaço mundial e a mundialização da sociedade burguesa, do domínio da natureza, das lutas de classes e da questões ambientais.<br>A formação e o arranjo espacial da sociedade brasileira. |
| EM | Compreendam os arranjos espaciais das várias fases da sociedade burguesa planetarizada fabril-industrial-financeiro-rentista-urbana e suas manifestações no Brasil. | Os arranjos espaciais da acumulação primitiva permanente e suas fases de organização em regiões homogêneas (1ª revolução industrial), polarizadas (2ª revolução industrial) e em rede (3ª revolução industrial.<br>Os processos da acumulação primitiva de Marx fortemente presentes na geografia histórica do capitalismo (HARVEY, O novo imperialismo)<br>As contradições ecológico-territoriais. |

Tais objetivos responde à finalidade geral da Geografia na escola: colaborar para que estudantes, na sua condição de classe, raça e gênero, compreendam as determinações espaciais da práxis humana alienada da sociedade burguesa, por intermédio do estudo dos seus arranjos espaciais e pelo jogo de forças que orientam a práxis espacial das classes sociais em luta e o seu lugar nele.

**REFERÊNCIAS**

HARVEY, D. O novo imperialismo. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
LEFEBVVRE, Henri. Espaço e Política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
LUXEMBURGO, R. A acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo. São Paulo: Nova Cultural, 1985; Os economistas.
MARX, K. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858 - Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.
MARX, K. O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
MOREIRA, R. A Geografia do espaço-mundo: conflitos e superações no espaço do capital. Rio de Janeiro: Consequência Editora; 2016.
QUAINI, M. Marxismo e Geografia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
SANTOS, M.. Por Uma Geografia Nova - Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. Ed. HUCITEC, São Paulo-SP, 1986.
SANTOS, M. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2005.